

As formas você, ocê e cê em Barra Longa/MG e no Projeto de Assentamento Pacιά/AM: uma análise comparativa baseada em registros orais

RESUMO

Andreza Marcião dos Santos,
andrezamarcião@hotmail.com
Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais,
Brasil.

Este trabalho tem por objetivo analisar as formas você, ocê e cê em registros orais de Barra Longa/MG e o Projeto de Assentamento Pacιά/AM com base na Linguística de Corpus. Verificar como essas formas aparecem dentro de um corpus de registro oral proporciona uma ampliação do conhecimento sobre os processos de variação deste fenômeno, considerando os costumes, a cultura, o meio social de cada comunidade linguística e como os falantes usam a língua no processo de interação para com os outros. Para o suporte teórico, utilizaram-se autores que discutem este processo de variação, sendo eles: FERRARI (2013), SAID ALI (1950), NASCENTES (1956), VITRAL; RAMOS (2006); ILARI et al. (1996); CRUZ (1999) e MARTINS; MARTINS (2014). A análise se desenvolveu a partir de dois corpora orais, sendo o primeiro composto por 80,102 mil palavras, pertencente ao Projeto temático Fapesp (SP, MG, MT, GO) Filologia Bandeirante da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e o segundo com 54, 513 mil palavras, do banco de dados do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ambiente, Socioeconomia e Agroecologia (NUPEAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Como os dois corpora apresentaram um número total de palavras diferentes, foi necessário normalizar as frequências, pois uma comparação de contagens não normalizadas resultaria em imprecisões acerca das distribuições de frequências nos corpora. Com base em Biber (1988), a normalização das frequências foi realizada da seguinte forma: o número de frequências obtidas em cada corpus das formas você, ocê e cê, a divisão das frequências pelo número total do corpus e, posteriormente, a multiplicação por 1.000. O processo de análise envolveu o programa Sketch Engine para verificar a frequência e os contextos de uso das formas você, ocê e cê, através das ferramentas Wordlist e Concordance. Dessa forma, os resultados demonstraram a complexidade de análise da forma você, ocê e cê em corpora de registros orais distintos, o que torna necessário realizar mais estudos sobre o uso das formas você, ocê e cê, não considerando somente as variáveis linguísticas condicionadas por fatores sociais e linguísticos, mas também quanto aos tipos de registro orais.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística de Corpus. Registros orais. Variação Linguística.

INTRODUÇÃO

As pesquisas sobre o fenômeno de redução do pronome *você* são bastante debatidas nas pesquisas linguísticas desenvolvidas com o Português Brasileiro (PB). No entanto, muitas delas se desdobram em exemplos pertencentes a corpora não muito especificados, pois, os corpora, às vezes, são criados pelos pesquisadores e outros produzidos em laboratório com falantes que fazem a leitura de enunciados que já estão preparados (FERRARI, 2013).

Por isso é importante verificar como as formas *você*, *ocê* e *cê* aparecem dentro de um *corpus* de registro oral, considerando os costumes, a cultura, o meio social de cada comunidade linguística, a partir do uso feito pelo falante. De acordo com Said Ali (1950) a forma pronominal *você* é o resultado atual de uma evolução de raízes latinas, iniciadas a partir dos pronomes *tu/vós* no português, no qual o *tu* era a forma de tratamento utilizada para demonstrar intimidade, enquanto o *vós* significava um tratamento cerimonioso indireto.

Nascentes (1956) aponta que os seguintes estágios da mudança foram:

Vossa Mercê > *vossemecê* > *vosmecê* > *vosm'cê* > *voscê* > *você* > *ocê* > *cê*

O que se percebe nesses estudos é de que a mudança não se deu somente no nível fonológico, mas também no sentido. Ou seja, Luft (1957) afirma que em algumas povoações de Portugal a forma *você* soa como um insulto, uma ofensa. Já no Brasil, é tida como um tratamento familiar e íntimo. Quanto à gramática tradicional (GT), a forma *você* é tida como padrão, mas, considerando essa forma em contexto real de uso, ela pode ocorrer ao lado das formas *ocê* e *cê* (que são bastante encontradas no falar mineiro). Alguns pesquisadores que trataram do uso dessas formas no português brasileiro foram, por exemplo, Ramos (1989, 1997, 2000, 2002), Almeida (1991), Ilari et alii (1996), Vitral (1996, 2001, 2002), Coelho (1999), Peres (2006), Souza (2008) e Ferrari (2013).

Segundo Ferrarri (2013), os estudos sobre o fenômeno de redução da forma *você(s)*, passando pela forma *ocê(s)* até chegar em *cê(s)*, talvez originadas de *Vossa Mercê*, deram-se a partir de uma perspectiva gerativista, em que a hipótese sustentada é de que a forma *cê(s)* seja um clítico. Para Vitral (1996), a forma *cê* não pode ocorrer nos mesmos espaços em que *ocê* e *você* ocorrem, pois apresenta um comportamento sintático distinto, ou seja, constitui uma etapa do processo de gramaticalização de *Vossa Mercê*.

Nos séculos XIV e XV, *Vossa Mercê* era a forma usada para se dirigir ao rei de Portugal. No século XVII, dela emerge a forma *você*, que se originou das variantes: *vossemecê* > *vosmecê* > *você*, conforme aponta o lexicógrafo Houaiss (2008). Esta última preservou apenas as sílabas tônicas da forma de origem. No português do Brasil, esse processo de perda de segmentos fônicos continua em curso na palavra *você*, com o surgimento de outras variantes: *ocê* e *cê* (Vitral, 1996) (MARTINS; MARTINS, 2014).

Para Vitral e Ramos (2006), as formas *você(s)/ocê(s)/cê(s)* estariam em processo de cliticização, sendo que o *cê(s)* estaria sujeito a algumas restrições como:

Não pode aparecer topicalizado;

**Cê* ele não viu.

Não pode ser modificado por advérbio:

Até * *cê* podia subir.

Não pode comparecer sozinho como resposta a uma questão:

-Quem vai sair?

-* *Cê*

Não pode ser complemento de preposição:

Eu falei * pra *cê*...

Não pode comparecer em posição objeto:

Eu amo * *cê*

E não pode ser coordenado com uma forma tônica

Ele e * *cê* podem votar contra.

Assim, os exemplos mostram uma complementaridade na distribuição, pois a forma *cê*, com exceção da posição de sujeito, não pode ocorrer nos ambientes em que as formas *ocê(s)* e *você(s)* ocorrem. E a forma *cê* não deve ser entendida como um clítico, mas uma forma em processo de cliticização (FERRARI, 2013). Para Othero (2013), do ponto de vista prosódico, o *cê* não pode ser sujeito posposto, complemento do verbo ou de preposição, sendo, portanto, um pronome fraco ou um pronome pleno em processo de cliticização.

Nesse sentido, o presente trabalho apresenta uma análise comparativa do pronome *você* e de suas reduções para *ocê* e *cê* na oralidade de falantes de Barra Longa/MG e de falantes do Projeto de Assentamento Pacιά/AM, com o intuito de verificar quais as posições e as funções sintáticas que essas formas ocupam nos corpora extraídos de registros orais. Em especial, se a forma *cê* ocupa posições diferentes da pré-verbal com função de sujeito.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados utilizados nesta análise foram coletados por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). O primeiro corpus apresenta 80,102 mil palavras e faz parte do Projeto Filologia Bandeirante da Faculdade de Letras da UFMG, coletado através do diálogo entre o pesquisador e o informante, no ano de 1998, representando o falar mineiro de Barra Longa/MG. O segundo corpus é constituído por 54,513 mil palavras e faz parte do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Ambiente, Socioeconomia e Agroecologia (NUPEAS) da UFAM, coletado através de

entrevista/narrativa, no ano de 2013, representando o falar amazonense do Projeto de Assentamento Pacιά/AM.

Ressalta-se que os dois corpora utilizados nesta pesquisa totalizam 134, 615 palavras, sendo que o corpus de Barra Longa/MG totalizou 6 informantes, do sexo masculino e feminino entre as faixas etárias de 74 a 101 anos. O corpus do PA Pacιά foi constituído por 18 informantes, do sexo masculino e feminino, entre as faixas etárias de 35 a 55 anos.

Com o intuito de conhecer melhor as regiões em que os corpora foram coletados, selecionaram-se dois mapas para mostrar as respectivas localizações. O primeiro refere-se ao município de Barra Longa/MG, onde os primeiros habitantes chegaram entre os anos de 1701 e 1704, localizado a 172 km de Belo Horizonte, na Zona da Mata de Minas Gerais, se mantendo 'isolada' dos grandes centros urbanos, devido às condições de acesso (TRINDADE, 1917).

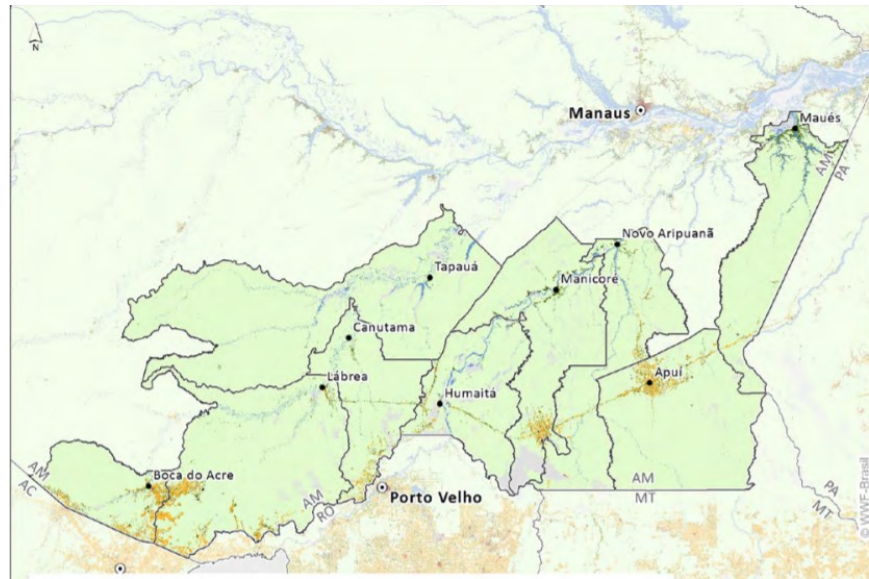
Figura 1 - Mapa de Barra Longa/MG.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Barra_Longa#/media/Ficheiro:MinasGerais Municip BarroLongo.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Barra_Longa#/media/Ficheiro:MinasGerais_Municip BarroLongo.svg)

O segundo mapa refere-se ao Projeto de Assentamento Pacιά, que está localizado a 27 km do município de Lábrea/AM. O PA Pacιά foi criado em 1999 e deveria possuir “ações em área destinada à reforma agrária, planejadas, de natureza interdisciplinar e multissetorial, integradas ao desenvolvimento territorial e regional”. No entanto, o processo de deslocamento dos informantes para o projeto se deu a partir do processo de mobilização, que nasceu da demanda gerada pelos trabalhadores rurais sem-terra na área de influência do município de Lábrea e pelo grande número de agricultores que não possuíam propriedade de terra por serem oriundos de antigos seringais (NOGUEIRA, 2018).

Figura 2 - Mapa do PA Pacia'/AM.



Fonte: https://d3nehc6yl9qzo4.cloudfront.net/downloads/perfil_sul_amazonas.pdf

Como os dois corpora apresentam um número total de palavras distintos, foi necessário normalizar as frequências, pois uma comparação de contagens não normalizadas resultaria em imprecisões acerca das distribuições de frequências nos corpora. Com base em Biber (1988), a normalização das frequências fez-se da seguinte forma: o número de frequências obtidas em cada corpus das formas *você*, *ocê* e *cê*, a divisão das frequências pelo número total do corpus e, posteriormente, a multiplicação por 1.000.

Exemplo: $6/80,102=0,0000749045$

$0,0000749045 * 1.000 = 0,0749044968$

Neste caso, a frequência normalizada é de 0,07. As contagens brutas são normalizadas para que representem frequências por 1.000¹ palavras e, assim, seja possível verificar as diferenças e/ou semelhanças entre os corpora.

Além disso, o processo de análise envolveu o programa *Sketch Engine*, de maneira semiautomática, para verificar o número total de ocorrências e as linhas de concordância. Os corpora utilizados já haviam sido transcritos por seus respectivos grupos de pesquisa. Neste caso, foram todos convertidos em formato txt. e, posteriormente, inseridos no programa *Sketch Engine*, por meio da opção *New Corpus*, que permite a inserção de um novo corpus e sua compilação de forma automática.

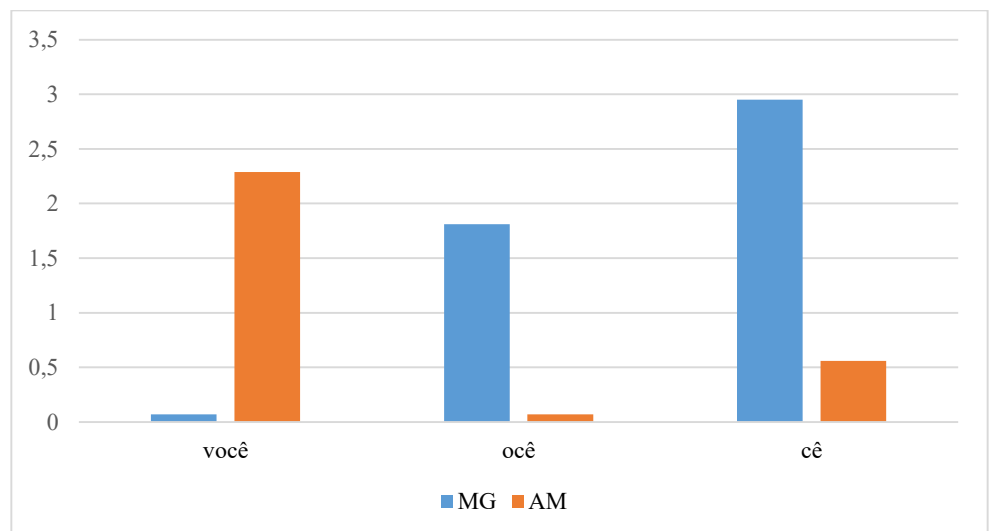
Para verificar a frequência das formas *você*, *ocê* e *cê* considerou-se como recorte somente as ocorrências relativas aos informantes, não considerando as formas nos falares dos pesquisadores. Utilizou-se a opção *Wordlist* e *Concordance* do *Sketch Engine* para verificar as frequências e os exemplos das formas em um contexto de uso. A classificação das formas nas diferentes posições e funções foi

realizada manualmente, uma vez que cada ocorrência deveria ser analisada individualmente. Todos os dados foram coletados, divididos e inseridos em planilhas do Excel, com as ocorrências, as respectivas linhas de concordância e os metadados dos falantes.

2. ANÁLISE DAS FREQUÊNCIAS DE VOCÊ, OCÊ E CÊ NOS CORPORA

De acordo com os corpora analisados as formas *você*, *ocê* e *cê* apresentam grandes diferenças, tendo em vista que em Minas Gerais a forma *ocê* e *cê* são muito presentes na fala dos informantes de Barra Longa, sendo que *ocê* totaliza 145 ocorrências, enquanto *cê* apresenta 237 ocorrências. Já no Amazonas há uma forte presença da forma *você*, com total de 125 ocorrências. O gráfico 1 mostra mais detalhadamente essas informações.

Gráfico 1 - Frequência normalizada de *você*, *ocê*, *cê*.



Fonte: Elaborado pela própria autora.

Como era esperado, no dialeto mineiro o uso da variação das formas *ocê* e *cê* são evidentes, mas no dialeto amazonense evidencia-se um número elevado da forma *você*, em contraponto a *ocê* e *cê*. Como afirmam Ilari et alii (1996), parece ser necessário realizar mais análises em função dos diferentes fatores (geográficos, sociais, estilísticos) para dar respostas a essas diferenças, devendo ser, portanto, enquadrada em uma investigação sociolinguística. Assim, pode-se supor que a variante *cê* em Barra Longa/MG é mais recorrente do que *ocê* e *você*, porque já está implementada nesta comunidade. O que é reforçado por Peres (2006), ao afirmar que a forma *cê* já está implementada em Belo Horizonte, sendo usada preferencialmente na função de sujeito.

Enquanto no Projeto de Assentamento Pacιά/AM, o que se percebe é um alto número de ocorrências da variante *você*, o que surpreende muito, pois, Gonçalves (2008) afirma que, segundo a procedência geográfica, a forma *você* é tipicamente urbana, sendo pouco presente em comunidades rurais. Todavia, os dados desta pesquisa salientam uma nova percepção para este fenômeno, tendo em vista uma análise comparativa entre diferentes corpora orais. Logo, é possível verificar como

se descobre muito sobre um determinado fenômeno linguístico que, neste caso, se encontra nos falantes de área rural, pois são os que mais utilizam a variante padrão *você*, mas ainda são “desprezado pelas elites cultas como maneira errada de se exprimir” (CRUZ, 1999, p. 78).

Segundo uma pesquisa desenvolvida por Martins; Martins (2014) sobre as particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar manauara, foi evidente as considerações de que a faixa etária e o grau de escolaridade não foram pertinentes como critérios para a seleção do termo de referência de 2ª pessoa do discurso, mas o fator dominante foi o tipo de registro para a frequência de referenciação de 2ª pessoa (Tu/Você).

Em outras palavras, nas entrevistas predominam-se a forma *você*, devido a um contexto formal considerado pelos falantes. Contudo, também se enfatiza que este termo de referenciação é o mais frequente entre os falantes com baixa escolaridade, nas situações de entrevistas com o documentador (DID) (MARTINS; MARTINS, 2014, p. 183).

Neste sentido, pode-se supor que o mesmo possa ter ocorrido no Projeto de Assentamento Pácia/AM, pois os falantes consideraram um contexto formal e não íntimo com o pesquisador, envolvendo um grau de monitoramento do entrevistado de forma consciente ou inconsciente da seleção do termo *você*. Mas, para uma análise mais aprofundada sobre o uso da forma *você* pelos falantes envolvendo registros, seria necessário comparar outros tipos de registros como diálogo (entre informantes ou pesquisador e informante) e elocuições formais, para verificar se as variáveis de gênero, faixa etária e grau de escolaridade são condicionadores pertinentes ou não para o uso da forma *você* pelos falantes desta comunidade.

3.1 DISTRIBUIÇÃO DAS FORMAS *VOCÊ*, *OCÊ* E *CÊ*

A classificação das formas se deu com base em sua posição Pré-Verbal e Pós-Verbal e, logo após, foi verificada a função sintática de cada uma. O quadro 1 exibe uma visão geral dos casos, que serão discutidos de maneira pormenorizada a seguir.

Quadro 1- Ocorrências de *você*, *ocê* e *cê* nas diferentes posições dos corpora.

Posição	<i>você</i> /MG	<i>ocê</i> /MG	<i>cê</i> /MG	<i>você</i> /AM	<i>ocê</i> /AM	<i>cê</i> /AM
Pré-Verbal	0,07	1,74	2,55	2,12	0,03	0,56
Função Sujeito						
Pós-Verbal-	0	0	0	0	0	0
Função Sujeito						
Função Objeto Direto	0	0,01	0	0,03	0	0
Função Objeto Preposicionado	0	0,02	0,27	0,14	0	0
Outros²	0	0,11	0,12	0,09	0,03	0

Fonte: Elaborado pela própria autora.

Como é possível perceber, as três formas ocorrem na posição pré-verbal e na função de sujeito, confirmando a hipótese de que a “função de sujeito é a única que favorece o uso das três variantes” (GONÇALVES, 2008) e contribuindo para a afirmação de que a função originária das formas é a de sujeito (PERES, 2006).

Pode-se notar também a ausência das três formas na posição pós-verbal, tendo em vista que no Português Brasileiro essa ordem só pode ocorrer na ausência de objeto. Contudo, com exceção à regra, “o sujeito pode ser posposto em frases no imperativo quando é fortemente enfatizado – tipicamente quando se refere a alguma entidade contrastada com outra” (PERINI, 2017). Exemplos disso são apontados por Ferrari (2013), com corpus de fala espontânea, sendo identificado os exemplos: “Maria José/vai lá *ocê*/ traz arroz pa frente/arroz e feijão”; e “Conta *ocê*/Rute”.

No que se refere à posição pré-verbal com função de sujeito, a forma que prevalece no corpus de Barra Longa/MG é *cê*, com frequência normalizada de 2,55. Destaca-se também a forma *ocê*, cuja frequência normalizada é de 1,62. Enquanto no PA Pacia/AM a forma *você* prevalece, com frequência normalizada de 2,20. A fim de exemplificação, traz-se alguns exemplos de ocorrências extraídos dos corpora. Os números entre parênteses referem-se a linha de concordância gerado automaticamente pelo programa *Sketch Engine*, tal como a identificação dos informantes, entre parênteses, ao final de cada exemplo.

Cê/MG

- (10) *cê* perde muito tempo uai...(file12640365)
(23) *cê* conhece ele né? (file12640366)

Ocê/MG

- (44) *ocê* num pode i[r] lá vê...(file12640364)
(76) um *ocê* deve de conhecê até o Avera[l]do num conhece? (file12640363)

Você/AM

- (12) *você* num tem uma muda né? (file12641985)
(31) Se *você* vê os projeto do governo agora...(file12641981)

No caso da função de objeto direto *ocê*/MG e *você*/AM são as formas que foram encontradas nos dois corpora, não encontrando nenhuma ocorrência para a forma *cê*, corroborando com os estudos já realizados na literatura.

ocê/MG

- (91) “uai Maria quem virô *ocê* ?” (file12640362).

você/AM

- (16) Num sei se *você* conhece. (file12641984).
(35) Eles vêm aqui e olha *você* tá irregular no assentamento (file12641981).

Já para a função de objeto preposicionado, foram encontradas as formas *ocê*, *cê* em MG e *você* no AM.

ocê/MG

(33) Pro ocê levá sua mina não, viu? (file12640364)
(98) Tinha áqueas casa populá pra alugá pr'ocê ficá uns dois, três dias lá (file12640361).

cê/MG

(187) Mas do modo que ela olhava pro'cê (file12640361)
(245) Esse rapaz que veio falá com cê aqui (file12640360).

você/AM

(121) Um pato pa você comê é difícil né? (file12641971)
(130) Nós num temos um transporte da gente pra você ir e passá 4 ou 5 dia vendendo (file12641972).

Assim, é possível perceber que as três formas podem ocorrer na função de objeto preposicionado, distinta somente na preposição que as acompanham, ou seja, em Barra Longa/MG encontram-se contrações quanto à preposição para (*pro*, *pr'*, *pro'* e *com*) e no PA Pacia/AM (*pa*, *pra*). Pode ser interessante fazer um estudo mais detalhado sobre as preposições que acompanham as três formas (*você*, *ocê* e *cê*) através de uma análise acústica para verificar através de espectogramas os enunciados de forma detalhada.

À GUIA DE CONCLUSÃO

A partir da discussão dos dados, pôde-se verificar através dos corpora orais que os resultados mostraram diferenças quanto ao uso das formas *você*, *ocê* e *cê* nas duas localidades. Isso pode estar relacionado às variáveis sociolinguísticas como idade, grau de escolaridade, sexo, aos contextos históricos e culturais de cada região. Por isso, este estudo não pretende ser conclusivo, mas apenas uma forma de mostrar que há muitas possibilidades de análise sobre as formas *você*, *ocê* e *cê*, sendo que, neste caso, os registros orais apontaram dados relevantes, permitindo as seguintes considerações:

Um uso massivo da forma *cê* e a forma *ocê* pelos falantes de Barra Longa/MG, considerada a forma não padrão. Já no PA Pacia/AM, a forma destacada foi *você*, considerada padrão. Esse dado chamou a atenção porque a comunidade está localizada em área rural e a forma *você*, segundo a literatura, é reconhecida como própria das pessoas da cidade.

A preferência pelos falantes de ambos os corpora de usar as três formas na posição pré-verbal com função de sujeito.

A ausência das três formas na posição pós-verbal com função de sujeito, mas pode ocorrer em outros corpora orais.

A existência das três formas também na função de objeto direto preposicionado, pois, segundo a literatura, a forma *cê* não ocuparia tal posição, mas atualmente pode ser encontrada e estar relacionada com as preposições *para* e *com*, sendo também perceptíveis as preposições reduzidas.

Dessa forma, é interessante ver como os resultados apresentados demonstram a complexidade de análise da forma *você*, *ocê* e *cê* em corpora de registros orais distintos, pois, não se deve considerar somente as variáveis linguísticas condicionadas por fatores sociais e linguísticos, mas também os tipos de registro orais, para que se perceba o fenômeno a partir do uso realizado pelo falante. Logo, a Linguística de Corpus pode fornecer metodologias para que sejam trabalhadas estas questões em conjunto e, assim, através de análises comparativas e estatísticas, obter dados mais confiáveis.

Forms of you (você, ocê, cê) in Barra Longa/MG and in the Pacιά Settlement/AM: comparative analysis based on oral records

ABSTRACT

This paper aims to analyze the forms *você*, *ocê* and *cê* in oral registers from Barra Longa/MG and the Projeto de Assentamento Pacιά/AM based on Corpus Linguistics. Verifying how these forms appear within a corpus of oral register provides an expansion of knowledge about the variation processes of this phenomenon, considering the customs, culture, social environment of each linguistic community and how speakers use the language in the process of interaction with others. For the theoretical support, authors who discuss this variation process were used, being them: FERRARI (2013), SAID ALI (1950), NASCENTES (1956), VITRAL; RAMOS (2006); ILARI et al. (1996); CRUZ (1999) and MARTINS; MARTINS (2014). The analysis was developed from two oral corpora, the first composed of 80,102 thousand words, belonging to the Fapesp (SP, MG, MT, GO) Thematic Project Bandeirante Philology of the Faculty of Letters of the Federal University of Minas Gerais (UFMG), and the second with 54, 513 thousand words, from the database of the Center for Research and Extension in Environment, Socioeconomics and Agroecology (NUPEAS) of the Federal University of Amazonas (UFAM). As the two corpora presented a different total number of words, it was necessary to normalize the frequencies, as a comparison of non-normalized counts would result in inaccuracies about the frequency distributions in the corpora. Based on Biber (1988), frequency normalization was performed as follows: the number of frequencies obtained in each corpus of the forms *você*, *ocê* and *cê*, the division of the frequencies by the total number of the corpus, and then multiplication by 1,000. The analysis process involved the Sketch Engine program to verify the frequency and contexts of use of the forms *você*, *ocê* and *cê*, through the Wordlist and Concordance tools. Thus, the results showed the complexity of the analysis of the form you, *ocê* and *cê* in corpora of different oral registers, which makes it necessary to conduct further studies on the use of the forms you, *ocê* and *cê*, not only considering the linguistic variables conditioned by social and linguistic factors, but also regarding the types of oral register.

KEYWORDS: Corpus linguistics. Oral registers. Linguistic variation.

NOTAS

¹ Considerando o tamanho dos corpora a frequência também pode ser normalizada por 100.000 mil.

² Casos de disfluência na fala dos sujeitos não foram considerados nesta análise. Entende-se que são os casos em que há algum problema na execução da fala ou ela é interrompida, ou seja, “quando o informante interrompe seu fluxo de fala e não sabe como continuá-lo, podendo haver repetições da mesma palavra, ou reformular seu pensamento e continuar o discurso em um plano diferente” (FERRARI, 2013, p. 208).

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Adriana L.V.S. **A variação de você, cê e ocê no português brasileiro falado**. UFMG, 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdades de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

BIBER, Douglas. **Variation across speech and writing**. Cambridge: CUP. 1988.

CRUZ, Angélica S. Nobre como Camões. **Revista Veja**. São Paulo: Abril, ed. 1506, ano 32, n. 18, 1999, p. 78-79.

FERRARI, Lúcia de Almeida. As formas cê(s) e você(s) na fala espontânea do PB: uma análise baseada em corpora. **Domínios de Linguagem**, vol.7, n.2, 2013. p.200-237.

GONÇALVES, Clézio Roberto. **Uma abordagem sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português**. 2008. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Linguística. São Paulo, 2008.

ILARI, Rodolfo et alii. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO, A. (org.). **Gramática do português falado**. Campinas/SP: UNICAMP, 1996.

LUFT, Celso P. Tratamento depreciativo. In: **Revista Brasileira de Filologia**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, v.3, tomo II, 1957, p. 193-207.

MARTINS, Silvana Andrade; MARTINS, Valteir. Particularidades do uso dos pronomes de segunda pessoa no falar manauara: um estudo do panorama da variação pronominal do português do Brasil. **InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies**. Vol.3.1, 2014. p. 177-194.

NASCENTES, Antenor. Fórmulas de tratamento no Brasil nos séculos XIX e XX. **Revista Portuguesa de Filologia**. Coimbra: Casa do Castelo, 1950, v. III, Tomo I e II, p. 21.

NOGUEIRA, Ana Cláudia Fernandes. **A subalternidade dos sujeitos rurais no Brasil: condição colonial dos assentamentos rurais no interior da Amazônia.** 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, 2018.

OTHERO, G. A. Revisitando o status do pronome *cê* no português brasileiro. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 1, 2013.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português brasileiro.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

PERES, Edenize. **O uso de *ocê*, *ocê* e *cê* em Belo Horizonte: um estatuto em tempo aparente e tempo real.** 2006. Tese (Doutorado), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

RAMOS, Jânia M. O uso das formas *ocê*, *ocê* e *cê* no dialeto mineiro. In: HORA, Demerval (org.) **Diversidade linguística no Brasil.** João Pessoa: Ideia, 1997, p. 43-60.

SAID ALI, Manuel. **Dificuldades da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1950.

TRINDADE, Cônego Raimundo. Monographia da Parochia de S. José da Barra Longa. São Paulo: A. Campos Editor, 1917.

VITRAL, Lorenzo. A forma *cê* e a noção de gramaticalização. **Revista de Estudos da Linguagem.** Belo Horizonte: UFMG, 1996, n.5, v.1, p.115-124.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. Réplica a Petersen (2008). A tripartição pronominal e o estatuto das proformas *Cê*, *Ocê* e *Você*. In: **DELTA** vol. 24, n.2, 2008.

Recebido: 03 nov. 2022

Aprovado: 07 out 2023

DOI: 10.3895/rl.v25n47.16089

Como citar: SANTOS, Andreza Marcião dos. As formas você, ocê e cê em Barra Longa/MG e no Projeto de Assentamento Pacιά/AM: uma análise comparativa baseada em registros orais. *R. Letras*, Curitiba, v. 25, n. 47 p. 49-63, jul./dez. 2023. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

